

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A DRAMATURGIA DE LEVI HALL DE MOURA NA HISTÓRIA DO TEATRO PARAENSE

THE DRAMATURGY OF LEVI HALL DE MOURA IN THE HISTORY OF PARAENSE THEATRE

Yasmin de Almeida Ramos¹

Resumo: Este artigo apresenta a dramaturgia de Levi Hall de Moura na história do teatro paraense. A partir da análise da peça *Maiandeuá* (1944), propomos uma reflexão acerca: dos sentidos poéticos e socioculturais dessa obra; das relações entre a sua escrita e os modos de pensar e fazer teatro na Belém dos anos 1920; e do modo de pensar o contexto sociocultural brasileiro e amazônico do século XX. Assim, utilizamos a pesquisa documental, em jornais e revistas, ao Acervo Público Digital da Biblioteca Arthur Vianna (Belém/PA) e da leitura das obras do autor, reunidas em Martins, Soares & Magalhães (2022).

Palavras-chave: Levi Hall de Moura. Dramaturgia. História. Teatro paraense.

Abstract: This article presents the dramaturgy of Levi Hall de Moura in the history of theater in Pará. Based on the analysis of the play *Maiandeuá* (1944), we propose a reflection on: the poetic and sociocultural meanings of this work; the relationships between his writing and the ways of thinking and doing theater in Belém in the 1920s; and the way of thinking about the Brazilian and Amazonian sociocultural context of the 20th century. Thus, we used documentary research, in newspapers and magazines, the Digital Public Collection of the Arthur Vianna Library (Belém/PA) and reading the author's works, collected in Martins, Soares & Magalhães (2022).

Keywords: Levi Hall de Moura. Dramaturgy. History. Pará theater.

¹ Graduada do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará. Formanda do Curso Técnico de Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA – ETDUFPA. Integrante do Grupo de Pesquisa Perau - Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia, coordenado pelo Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra (PPGArtes-UFPA). Bolsista PIBIC-ET/CNPq. E-mail: yasminalmeidaramos@gmail.com



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

1. Introdução

O presente artigo apresenta os resultados do processo de pesquisa de iniciação científica desenvolvido sobre a dramaturgia de Levi Hall de Moura na história do teatro paraense, com a finalidade de contribuir e ampliar os estudos sobre o fazer teatral no Pará.

Neste sentido, buscamos problematizar o lugar da dramaturgia na produção teatral amazônica paraense, tomando como base as obras de Moura, no campo teatral, para perceber como esse autor representou aspectos culturais da região em sua escrita dramatúrgica.

O que nos motivou e justificou a pesquisa é a necessidade de confrontar a marginalização da dramaturgia amazônica na história do teatro nacional. Por isso objetivamos compreender o período histórico e sociocultural brasileiro e amazônico em que o autor produziu suas obras teatrais; refletir sobre os sentidos poéticos e socioculturais de suas peças; e analisar as relações entre dramaturgia e os modos de pensar e fazer teatro na Belém do século XX.

O processo de pesquisa partiu do trabalho documental, como metodologia, para o levantamento de fontes que nos possibilitou analisar, em uma perspectiva histórica teatral, a produção dramatúrgica de Levi Hall de Moura. Dessa maneira, com o material coletado, traçamos o perfil biográfico do autor estudado, destacando suas ocupações e textos produzidos, ao longo da carreira, em jornais e revistas encontrados no Acervo Digital da Biblioteca Arthur Vianna (Belém/PA). Em seguida, buscamos analisar a peça *Maiandeua* (1944), única das obras do autor a ser encenada até então.

Diante disso, propõe-se, primeiramente, traçar o perfil bibliográfico do autor estudado, destacando suas ocupações e textos produzidos, ao longo da carreira, em jornais e revistas encontrados no Acervo Digital da Biblioteca Arthur Vianna (Belém/PA). Em seguida, busca-se analisar a peça *Maiandeua* (1944), única das obras do autor a ser encenada até então.

Ao final do trabalho, nosso objetivo será enfatizar a relevância e a importância do autor para a história dramática e teatral brasileira e amazônica, mostrando que a sua produção é responsável por criar um ambiente representativo do imaginário amazônico, sem deixar de ser crítico, sendo esse um ponto moderno presente em seus textos.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

2. Desenvolvimento

Proveniente do Reino Unido, a família Hall chegou ao Brasil e residiu, primeiramente, no município de São José de Ribamar, no Maranhão, onde nasceu Angelina Hall, mãe de Levi. Ao casar-se com o paraense Álvaro Rodrigues de Moura, a então Angelina Hall de Moura mudou-se para a capital paraense para viver ao lado do marido. Em Belém, teve três filhos: José de Ribamar Hall de Moura, Levi Hall de Moura e Sílvio Hall de Moura.

Levi Hall de Moura, o segundo filho, nasceu no dia 1^a de outubro de 1907. Durante sua infância, estudou o ensino primário no Externato Silva, localizado, à época, na rua Presidente Pernambuco, em frente ao grupo Escolar José Veríssimo. Em 1917, aos 10 anos de idade, Levi perde o pai e sua mãe torna-se uma viúva que precisa cuidar de três crianças sozinha. Foi um período difícil para os Hall de Moura, que tiveram muitas dificuldades financeiras e nem dinheiro para comprar sapatos possuíam, como bem coloca Júlio Victor dos Santos Moura, filho de Levi, no trecho: “Pobres, as crianças, depois adolescentes, não possuíam nem sapatos para ir à escola. Por isso, frequentavam as aulas de tamanco” (MOURA, 2020).

Em 1920, aos 13 anos, Levi tornou-se diretor do *Estado do Pará infantil* (Estadinho), suplemento cultural do jornal *O Estado do Pará*, do qual seu irmão mais velho, José Ribamar, era o redator principal. Cursou o secundário no Colégio Estadual Paes de Carvalho, onde, no último ano de curso, esteve como redator principal do mensário do corpo estudantil, o *GPC*, e terminou o preparatório com distinção em Português, História Universal e Filosofia.

Ao trabalhar no mensário do Colégio Paes de Carvalho, o jovem escritor começou a sua trajetória literária produzindo poesias para os alunos de sua escola. A maioria dos seus poemas encontrados, por seu filho Arnaldo Moura², datam do ano de 1924: *Súplica*, *Da angústia das horas* (6 de março), *Flama Indiscreta* (6 de março), *Seios* (6 de maio), *Do*

² Disponíveis em: [Levi Hall De Moura Escritor Poeta Teatrólogo](#). Acesso em: 18/11/2022 às 11:47.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Modernismo dos meus versos (4 de agosto), *Solteirona*; além de outros datados do ano anterior, como *Beijos* (março de 1923) e *A todos que compreendem* (1923-1924).

No ensino superior, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade do Largo da Trindade, obtendo o grau de Bacharel em advocacia em 1º de janeiro de 1934, sendo orador oficial da solenidade. Em seguida, Levi Hall de Moura ingressou na magistratura como juiz, em 1954, e foi defensor público na Justiça Militar Federal. Em meio à área jurídica, foi advogado, promotor público, consultor jurídico, escrivão de polícia, pretor e juiz de direito. Exerceu, também, cargos em vários territórios do Norte do país, desde o Pará até o Acre.

No Magistério, atuou como professor de Língua Portuguesa da Academia Livre de Comércio da Fênix Caixeiral Paraense, do Ginásio Acreano, da Escola Normal do Rio Branco, no Acre, e do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em Belém. Lecionou, ainda, História da Civilização, História do Brasil, História do Comércio e Legislação Fiscal.

Os periódicos em que mais publicou foram os jornais *Folha do Norte* e *Folha Vespertina*, ambos do estado do Pará. Assim, após uma série de publicações, em capítulos, no suplemento de Arte e Literatura do Jornal *Folha do Norte*, Levi publica *Esquema da Origem e da Evolução da Sociedade Paraense* (1957), um ensaio de sociologia, história, política, religião, filosofia, linguística e etnologia. Mais adiante, como romancista, na década de 1970, publicou a obra *O Terreno e o Infante*, a qual discorre sobre a trajetória de um personagem sem nome que enfrenta diversos problemas em sua vida pessoal e começa a apresentar mudanças estranhas de comportamento.

Foi membro da *Academia Paraense de Letras*, fundada por Gengis Freire de Souza e pelo Patrono Bruno Seabra. Na Instituição, que frequentou até os últimos dias de sua vida, ocupou a cadeira de número 8. Pela APL e, também, pela já extinta Editora Cejup, responsável por muitas das publicações de autores paraenses, publicou postumamente o ensaio *Papel das Camadas médias nas revoluções de classe* (1986) e o romance *Oceano Perdido* (1986).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Aos 74 anos, vítima de parada cardíaca, Levi Hall de Moura faleceu em 24 de abril de 1983, deixando filhos, netos e bisnetos. Em 2007, foi homenageado pela Academia Paraense de Letras, no transcurso de seu Centenário de Nascimento, na Semana Cultural da APL e, no dia 3 de abril de 2020, os familiares de Levi conseguem, na justiça, a anistia política ao autor que, durante a ditadura militar, foi perseguido pelos militares por conta de seus posicionamentos partidários e sociais.

PORTARIA Nº 996, DE 3 DE ABRIL DE 2020 A MINISTRA DE ESTADO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, no uso de suas atribuições legais, com fulcro no artigo 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, regulamentado pela Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002, publicada no Diário Oficial da União de 14 de novembro de 2002, e considerando o resultado do parecer proferido na 2ª Sessão do Conselho da Comissão de Anistia, realizada no dia 19 de fevereiro de 2020, no Requerimento de Anistia nº 2010.01.66839, resolve: Declarar anistiado político post mortem LEVI HALL DE MOURA, filho de ANGELINA HALL DE MOURA, nos termos do artigo 1º, inciso I, da Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002. DAMARES REGINA ALVES (Diário da União, 2020, p. 62).

Diante disso, é possível observar que a vida de Levi foi marcada por muitos momentos importantes e diversas formações que contribuíram para formar o dramaturgo e escritor que aprofundaremos a seguir.

Ao longo de sua carreira como dramaturgo, Levi Hall de Moura publicou sete peças de teatro. São elas:

- (1) *Duas Famílias Paraenses* (1937);
- (2) *Maiandeuá* (1944);
- (3) *Símbolos* (1948);
- (4) *O Lobisomem* (1957);
- (5) *Sangue para a Paz* (1959);
- (6) *Severa Romana* (1961);
- (7) *O Reino Encantado* (1976).



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Das sete, apenas *Maiandeu*a foi encenada. As outras seis peças nunca foram montadas para a cena teatral. Mais recentemente, no ano de 2022, Bene Martins, Mailson Soares e Zeffa Magalhães publicaram a obra *Peças Teatrais: Levi Hall de Moura*³, na qual são apresentadas duas peças, antes inéditas ao público, intituladas *Moça Casamenteira* e *Linha de Cura*.

A peça *Maiandeu*a, publicada em 1955, mas originalmente escrita em 1944, retrata, em primeiro plano, o cotidiano de uma comunidade simples e humilde, situada na Vila da Barca, área periférica do bairro do Telégrafo em Belém do Pará, nos anos 1940. As moradias das pessoas que vivem nesse local são de madeira, no estilo de palafitas. Ao lado desses lares, está localizado um manguezal. Pontes fazem a ligação entre as casas e evitam o contato direto com a lama. O mar está sempre presente, pois essas pessoas moram próximas ao rio. As águas, logo no início da dramaturgia, estão revoltas.

Na primeira cena da história, as personagens Coló e Noca são introduzidas aos leitores como duas comadres, que estão, cada uma em frente à porta de sua casa, conversando sobre as marés e, em seguida, sobre seus filhos. Esse momento da peça é marcado pelo diálogo entre as duas mulheres, durante o qual Noca revela suas preocupações com sua filha Joana, por, segundo a mãe, “não era deste mundo” e, ao nascer, a menina já era muito querida “da gente do fundo”.

Joana, filha de Noca, é uma menina muito inteligente e curiosa. A trama da peça coincide com o principal desejo da protagonista: conhecer *Maiandeu*a. Como apresenta a jovem, *Maiandeu*a seria uma terra encantada localizada entre os municípios de Marapanim e Maracanã, no Pará, onde há inúmeras praias. Coló já diz à comadre logo na cena inicial que essa terra misteriosa é “cousa do Fundo” e diz para a mãe de Joana ter cuidado com a filha e mantê-la longe d’água. A menina acaba sofrendo um afogamento e desaparece após cair nas águas turvas do rio.

³ Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/1030/1/Livro_PecasTeatraisLevi.pdf. Acesso em: 18/11/2022 às 11:56.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

No início do segundo ato, passados sete anos, encontram-se Noca e Coló conversando novamente em frente às suas casas. Dessa vez, as mulheres falam sobre as diferenças entre ricos e pobres, destacando que somente os menos afortunados são infelizes e vivem no desamparo. Joana reaparece, misteriosamente, interrompendo o diálogo entre as duas comadres, relatando que estava em *Maiandeuá*, e diz que retornou para buscar todos ali para regressarem com ela à ilha. A menina coloca que a terra encantada é “felicidade” e “amor”, que todos serão felizes no paraíso submerso.

No terceiro ato da peça, são apresentados dois médicos legistas, Pinto Lobo e Xavier Vale, que discutem sobre a veracidade das alegações e relatos da protagonista acerca da ilha submersa. Ambos estão convictos que a jovem é enferma da imaginação e que tenta fazer com que todos os cidadãos da Vila da Barca cometam suicídio atirando-se ao mar e, por isso, insiste que a solução ideal é internar Joana em um manicômio.

Luiz Raul, advogado, é outro doutor presente na discussão. Ao contrário dos dois colegas, tenta defender a integridade dos relatos feitos pela filha de Noca e procura fazer com que os demais compreendam que talvez a menina possa estar dizendo a verdade e não pretende machucar ninguém, mas os dois médicos pouco escutam as palavras do defensor de Joana.

Os três doutores convocam a menina desaparecida para questioná-la sobre seu sumiço de sete anos e perguntam sobre o local misterioso onde esteve durante todo esse tempo. O mais inquisidor de todos, Pinto Lobo, não acredita nas palavras de Joana e insiste em afirmar que a jovem influencia as pessoas a seguirem o caminho para morte.

O drama termina com Joana conseguindo fugir dos doutores pela porta dos fundos da casa em que estava. Algumas indicações no texto pontuam que um corpo caiu na água, houve alguns gritos, pessoas correram pelas pontes da Vila da Barca e ouviram-se dois tiros de revólver. Em seguida, a personagem Lurdes, esposa de Pedro, melhor amigo de infância de Joana, de quem todos na comunidade diziam ser o futuro marido, caso a menina não tivesse

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

sumido, aparece correndo enfurecida dizendo que Joana levou o seu marido para o fundo das águas.

A ilha de Maiandeuá é real e está localizada numa região próxima ao município de Maracanã, no estado do Pará, Norte do país. Sua formação compreende as vilas de Algodoal (sendo a mais famosa delas e, por consequência, associada à própria localidade), Fortalezinha, Mocooça e Camboinha. Esse lugar apresenta a dicotomia de ser real, com uma representação geográfica e histórica próprias; e imaginário, ao ser misterioso e guardar acontecimentos ditos fantásticos.

Para o nome da cidade encantada de Joana há algumas origens possíveis na história. A primeira delas é proposta por Elizel Paixão (1994 apud SOUZA, 1999). Segundo ele, *Maiandeuá* vem de *nheengatu*, palavra tupi que significa “*Língua Boa*”.

[...] Misturou-se assim, termos portugueses com indígenas. A palavra ‘mãe’, por exemplo, foi traduzida para ‘Mâya’, adicionando-se a isso outros sufixos tupinambás”. [...] Mâyaduva, ou Mâyaduba, onde ‘Duva’ ou ‘Duba’ significam ‘cheio’. Ou ainda ‘Deua’ = muitos. Na época das Sesmarias muitos colonos pleiteavam terras na ilha de Mayanduva, depois Mâyadeua - lugar de muitas mães.

Outro significado para *Maiandeuá* foi definido pelo historiador Carlos Rocque, ao caracterizar a ilha como:

Linda praia cheia de dunas, existente nos limites dos municípios paraenses de Marapanim e Maracanã. O vocábulo significa Lugar dos Maias, o que leva a supor que por ali andaram em emigração, os indígenas Maias. Existe uma lenda que lá há uma cidade submersa, cheia de riquezas sem conta (1968, apud SOUZA, 1999).

A lenda de *Maiandeuá* remonta ao chamado Sebastianismo, em Portugal, que seria a ideia messiânica de que o rei D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir, na segunda metade do século XVI, estaria, na verdade, vivo e se encantara para, em breve, retornar ao seu povo com um exército a fim de libertá-lo dos povos invasores (MAUÉS, 2005). Apesar de a história de D. Sebastião ter iniciado na Europa e compor o imaginário da população de tal

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

continente, a ideia do encantamento do rei ainda ganhou desdobramentos em terras brasileiras, mais especificamente na Amazônia.

Os seres *encantados* estão presentes na tradição do imaginário amazônico a partir da mistura de lendas e mitos provenientes dos próprios saberes das comunidades caboclas, indígenas e negras com outros de culturas externas ao Brasil, como as europeias. Loureiro (2002) define *encantaria* como:

[...] um lugar no fundo dos rios, onde os deuses e mitos habitam. A encantaria é um olímpio submerso, é um lugar da moradia dos deuses que estão repousando no fundo dos rios. Por isso eu imagino que a paisagem amazônica é amazônica porque ela é floresta, rio e encantaria. É isso que faz a diferença em relação a outras paisagens, porque natureza tem em toda parte do mundo. Então a encantaria, é o que poetiza o rio e a cultura amazônica. Quem estuda literatura sabe que chamamos isso de maravilhoso épico. A encantaria é o maravilhoso do rio é a impregnação no rio da mitologia, do lendário, do sobrenatural. Impressão produz uma poetização do rio, porque lhe dá uma dimensão além da dimensão concreta que as águas e as margens conferem ao rio.

Os seres *encantados* são criaturas pertencentes a esse imaginário amazônico e que podem praticar ações tanto benéficas, às populações ribeirinhas, quanto maléficas. Para compreender como esses seres estão presentes no drama de Levi Hall de Moura, antes, é necessário distinguir os diferentes tipos de *encantados* que existem na cultura amazônica. Assim, recorremos ao que Maués (2005) destaca:

Os encantados são normalmente “invisíveis” aos olhos dos simples mortais; mas podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes. São chamados de bichos do fundo quando se manifestam nos rios e igarapés, sob a forma de cobras, peixes, botos e jacarés. Nessa condição, eles são pensados como perigosos, pois podem provocar mau olhado ou flechada de bicho nas pessoas comuns. Caso se manifestem sob a forma humana, nos manguezais ou nas praias, são chamados de “oiaras”; neste caso, eles frequentemente aparecem como se fossem pessoas conhecidas, amigos ou parentes, e desejam levar as pessoas para o fundo. A terceira forma de manifestação é aquela em que eles,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

permanecendo invisíveis, incorporam-se nas pessoas, quer sejam aquelas que têm o dom “de nascença” para serem xamãs, quer sejam as de quem “se agradam”, quer sejam os próprios xamãs (pajés) já formados: neste caso, são chamados de caruanas, guias ou cavalheiros. Ao manifestar-se nos pajés, durante as sessões xamanísticas, os caruanas vêm para praticar o bem, sobretudo para curar doenças.

No caso da peça *Maiandeuá*, Joana, personagem principal, teria a terceira forma de manifestação dos encantados: a que ocorre nas pessoas com um dom para o xamanismo. Isso fica claro quando, no drama, as comadres Noca e Coló conversam sobre a menina e a primeira comenta: “O Manduca sempre disse que eu tivesse muito cuidado com a Joana. Desde que ela nasceu que ele diz isso. Que a Joana era muito querida da gente lá deles. Da gente do fundo, a senhora não sabe?” (MOURA, 2022).

Ainda, as *águas* sempre foram um ambiente temido pela mãe de Joana justamente por representarem o desconhecido e a fonte de encantamento da filha para o mistério. Na peça, Coló comenta com sua comadre Noca que:

Quando há essas águas grandes eu me lembro sempre da Joana. É de quem eu me lembro logo. Eu, se fosse a comadre, não deixava Joana se afastar de si nesse tempo! Não está lembrada da maré grande de março? Quando ela veio correndo a dizer que tinha visto um casal de índios bonitos, batendo a mão pra ela, chamando ela, detrás do banheiro do finado João Souza, perto dos açazeiros? (MOURA, 2022).

Na literatura, a *água* está atrelada à cura, vida e fertilidade. Nas culturas ribeirinhas, aparece nas emoções e sentimentos dos homens e mulheres das regiões mudando o estado de espírito desses povos.

A água é e sempre foi um personagem de grande destaque na novela mítica de muitos povos. É, ainda, tal como era para as civilizações mais antigas, considerada geradora de vida. Para os egípcios, o dia da inundação do Nilo marcava o primeiro dia do seu calendário, e no limo e lodo das águas gestava-se também a crença na existência de seres habitando o mundo líquido. Porém, mais que em qualquer outro lugar ou região brasileira, são as águas que determinam na Amazônia, o comportamento da população (PEREIRA, 2001).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Em *Maiandeua*, a água é o mistério, o desconhecido e o que intriga todas as pessoas residentes da Vila da Barca. Porém, o fundo rio também apresenta a significação de lugar de salvação e paz para essa população humilde, que é orientada e guiada por Joana para a tal cidade encantada no rio, quando a protagonista retorna das profundezas. Apesar de muitos discordarem da veracidade dos relatos de Joana no drama, existe um povo que vive na beira do rio, nas matas e conhece as histórias, as lendas e os mitos, que acredita no encantamento da menina ribeirinha. Nesse momento, explicita-se um contraponto entre o religioso *versus* o cético, o culto *versus* o popular. Todas essas dualidades são propositais na obra de Levi, pois o autor procurava expor esse lugar dos opostos em seu texto, como forma de crítica àqueles que achavam sua cultura superior a outra só por ela estar presente no dito “cânone”.

A importância da obra de Levi Hall de Moura para a construção do *imaginário amazônico* na dramaturgia e no teatro moderno da Amazônia deve ser valorizada, pois o autor reconstrói uma lenda pertencente à cultura da região Norte do país e moderniza o tema, expondo não somente as características presentes na formação histórica-social de uma população, como também os problemas políticos enfrentados pela sociedade mais pobre daquele período em que a obra foi escrita.

Vinte e dois anos após sua publicação, em 1955, no ano de 1977, *Maiandeua* chega aos palcos de Belém, encenada pela Federação do Teatro Amador do Estado do Pará (FETAPA) e dirigida por Cláudio Barradas. As apresentações foram realizadas na escola Kennedy e no Colégio Augusto Meira, na capital paraense, nos dias 27, 28 e 29 de maio. Assim, no mesmo ano da apresentação da peça de Levi, a FETAPA divulga em seu boletim informativo, o *EM CENA*, uma matéria a respeito do espetáculo de Barradas:

No próximo dia 27 de maio ocorrerá a estreia de “MAIANDEUA”, peça do teatrólogo Levy Hall de Moura, que a Federação de Teatro Amador do Pará escolheu para encenar neste ano de 1977. A referida peça será encenada na Escola John Kennedy, próximo à Praça Batista Campos, onde permanecerá ainda nos dias 28 e 29 do mesmo mês. [...] A Direção do espetáculo é de Cláudio Barradas com Cenografia de Otávio Pinto e Rui Godinho e elenco

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

formado por atores filiados a FETAPA. [...] Na oportunidade, esta Federação estará homenageando o autor de “Maiandeuá”, pelos relevantes serviços que tem prestado ao teatro paraense. [...] A montagem do espetáculo tem o patrocínio da Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo (1977).

Os mesmos membros do corpo editorial do *EM CENA* não puderam deixar de fazer observações sobre a demora na encenação da peça de Levi. Por conta disso, publicaram, na mesma edição de divulgação de *Maiandeuá*, uma entrevista com o autor da obra. Assim, na entrevista, Levi Hall de Moura revela sua satisfação em ver, finalmente, sua peça encenada, mas sem deixar de reconhecer a demora no aceite pelos grupos teatrais de Belém em montá-la:

Enfim, vejo programada, ensaiada, a fim ser montada a peça teatral de minha autoria “Maiandeuá”. Esta peça foi escrita por mim em 1944, após eu ler uma reportagem do jornalista Flávio Pereira (já falecido), sobre a “vila da Barca”, e a lenda “Maiandeuá”, de Oswaldo Orico (retirada do “Vocabulário de lendas Amazônicas”), me inspirei, e repleto de entusiasmo, transportei a referida lenda para a “vila da Barca”. “Maiandeuá” foi publicada em 1955 na Revista da Academia Paraense de Letras onde ocupo a cadeira Bruno Seabra. Tal publicação deu, portanto, o conhecimento do trabalho ao Teatro do Estudante, única agremiação teatral que havia entre nós na época. Não obstante essa divulgação, o Teatro do Estudante preferiu ignorar o texto. Ninguém me procurou, nenhum Grupo se lembrou de “Maiandeuá”. Mostrei o meu texto para diversas pessoas, dentre as quais posso citar: Maestro Waldemar Henrique, Paschoal Carlos Magno, Tito Franco de Almeida... Todos se entusiasmaram, mas não passou disso, com exceção de Tito Franco de Almeida, que, quando estava aprontando tudo para montá-lo teve morte súbita (EM CENA, 1977).

Apesar da importância da peça para a cena paraense, mesmo depois de 22 anos de espera para que finalmente a obra fosse encenada, ela ainda não foi recebida com a devida relevância. Somente 34 anos depois da primeira representação de *Maiandeuá* foi que o drama ganhou maior reconhecimento.

No ano de 2011 - mais precisamente nos dias 20, 21, 22, 27, 28 e 29 de janeiro e 03, 04, 05, 10, 11, 12, 17, 18 e 19 de fevereiro - a peça *Maiandeuá* ganhou nova encenação, dessa vez realizada pelo Grupo de Teatro da Unipop, sob direção de Alexandre Luz. As apresentações ocorreram de quinta a sábado, às 20 horas, no Porão Cultural da Unipop.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A equipe técnica ainda contava com a iluminação de Walter do Carmo, assistência de iluminação de Adriane Gonçalves, sonoplastia de Duda Souza e Henrique Garcia, cenografia de José Luiz Santos, figurino de Nete Ribeiro e assistentes de cenografia e figurino do Grupo de Teatro da Unipop. O elenco de atores era formado pelos próprios alunos da Unipop: Amanda Santos, André Souza, Andrei Souza, Artur Coelho Filho, Clause Monteiro, Claudia Santiago, Nete Pamplona, Gabriela Mendonça, Geovani Moia, Jorge Anderson, Janaína Andrade, Maria Silva, Marisa Barros, Priscila Oliveira, Sttefane Trindade, Tainá Lima, Vanda Lopes e Washington dos Santos (ver figura 4).

Figura 4 - Elenco da peça *Maiandeuá*



Fonte: Porão Cultural da Unipop ⁴

A *Maiandeuá* de 2011 recebeu uma divulgação na imprensa paraense, o que significou maior repercussão da peça quando comparada à encenação de 1977. A nota publicada em jornal convidava o público amazônico a assistir ao espetáculo em cartaz no Porão da Unipop, chamando mais atenção para a cena local:

⁴ Disponível em: <http://poraoculturaldaunipop.blogspot.com/2011/11/release-maiandeuá-20102011.html>. Acesso em: 18/11/2022 às 12:08.



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Manos e manas, muito cuidado com as “beiras de rios” nas horas grandes! É a hora dos encantados! E o destino? Maiandeua! Não de hoje, nossa cultura é “mundiada” pelas toadas e vultos de uma espiritualidade misteriosa e encantadora que ultrapassa a mera questão folclórica de nossas comunidades ribeirinhas. Esses vultos, comumente, saem de nosso imaginário e incorporam no subconsciente dos mais antigos ao nos contar do que devemos e não devemos fazer em determinados horários quando nos encontramos à margem de um rio ou nos arredores da mata. Com Maiandeua – o mundo encantado dos orixás – não é diferente. O pano de fundo desta vez é a vila da barca da década de 40 – um dos antigos mocambos de Belém – onde o desaparecimento e ressurgimento, após sete anos, da jovem Joana é motivo de esperança e crença pelos seus; e de desconfiança pelos doutores da Lei e da Ciência. Mas há motivos para sua volta! Um amor do passado faz com que “Joana da Barca” retorne à vila para resgatar Pedro – aquele que será sua companhia em Maiandeua. Em uma adaptação do texto, de mesmo título, do autor paraense e Imortal da Academia Paraense de Letras Levi Hall de Moura, Maiandeua mistura o mundo das encantarias com as problemáticas do cotidiano de quem vive a mercê do descaso das autoridades gestoras; assunto sempre comentado pelas comadres e vizinhas das estivas e revivido, agora, pelo Grupo de Teatro da UNIPOP no espaço Porão Cultural (Diário do Pará, 2011).

Mesmo com duas encenações de *Maiandeua* e com a considerável e visível relevância de Levi Hall de Moura, ao longo de sua trajetória como dramaturgo, são poucas as suas obras que chegaram a ser encenadas e aquelas que o foram não tiveram seu devido reconhecimento, quer pela crítica, quer pelo público. Em 1977, com a representação da FETAPA, a obra do autor paraense ganhou, pela primeira vez, os palcos amazônicos e estreou a dramaturgia desse escritor na cena. Já em 2011, *Maiandeua* aparece novamente, agora com a potência de seu escritor já conhecido e mais valorizado, e tem as atenções de alguns veículos da mídia local. É lícito mencionar que, ao propor o texto de um autor paraense aos alunos da Unipop, o diretor também está divulgando os saberes, histórias e conhecimentos da Amazônia para uma nova geração de atores, os quais irão tornar-se artistas mais conscientes sobre a cultura da própria terra.

3. Conclusão

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A Amazônia sempre esteve às bordas das realizações e conquistas nacionais de maneira geral. Com o tempo, as manifestações populares ganharam força na cena local e contribuíram para a propagação do imaginário amazônico na literatura regional. Porém, tanto a cultura mais erudita quanto a mais popular da Amazônia, continuam, ambas, à margem do teatro nacional.

O *imaginário amazônico*, inserido por meio das lendas, dos mitos e das encantarias, contribuiu para a construção de textos tipicamente amazônicos e próprios de uma literatura regional. Assim, ao analisarmos a obra *Maiandeuá* (1944), de Levi Hall de Moura, é possível perceber esse cenário típico das regiões mais pobres do Norte do país, as quais se misturam com as florestas e rios e, geralmente, abrigam uma população mais humilde, mas que também vive em comunidades bem unidas.

Em Belém, as personagens da Vila da Barca, por exemplo, são pessoas comuns que moram em palafitas e acreditam nos misticismos e lendas que envolvem o universo das matas e águas amazônicas. A justificativa para ações inexplicáveis pela ciência, como o desaparecimento de Joana no fundo do rio e seu reaparecimento anos depois, são facilmente explicadas pela mitologia local, pois o *real* e o *imaginário* confluem e transformam-se em “respostas”, as quais procuram sanar as dúvidas dos acontecimentos “estranhos” que ocorrem nas localidades ribeirinhas.

A literatura dramática amazônica é rica em matéria própria, em elementos únicos e originais, o que a diferencia do restante do país. Assim, a escrita de Levi Hall de Moura para a cena teatral também apresenta, na construção, características importantes da cultura amazônica, como as encantarias, as lendas e os mitos, da mesma forma que expõe o caráter crítico de seu autor, um homem antenado às problemáticas político-sociais de seu tempo, que mostrava as dificuldades enfrentadas pelo povo paraense mais humilde. Tudo isso torna Levi um autor moderno e extremamente relevante para o cenário dramático amazônico tanto para aquela época quanto para os dias atuais.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Referências

- BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)**. 2016. 583 f. Tese (doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- BITTENCOURT, Jean Guilherme Guimarães. **Entre Urnas e as Togas: Justiça Eleitoral e Competição política no Pará (1982/86)**. 2012. 152 f. Dissertação (mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Nossos intelectuais e os chefes de mandinga: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951)**. 2011. 232 f. Tese (doutorado em Estudos étnicos e africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Encantaria da Linguagem. **Cronos**. Natal-RN, vol. 3, n. 1, p. 147-150, 2002.
- MARTINS, Bene; LIMAH, Fábio; CHARONE, Olinda. **Seminários de Dramaturgia Amazônica: Memória**. Belém: EditAEDI, 2017.
- _____; SOARES, Mailson; MAGALHÃES, Zeffa. **Peças Teatrais: Levi Hall de Moura**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes – UFPA, 2022.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 19, n. 13, p. 259-274, 2005.
- MOURA, Júlio Victor dos Santos. Desembargador Sílvio Hall de Moura, vida e obra. **Revista Juspará**. Belém, [s.vol.], n. 7, p. 32-39, 2020.
- MOURA, Sílvio Hall de. **História da Magistratura Paraense**. Belém: CEJUP, 1989.
- MOURA, Levi Hall de. 22 anos de Espera. **Em Cena**. Belém, [s. vol.], n. 1, maio de 1977. Disponível em: <http://cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PEMCEPA051977005.pdf>. Acesso em: 18/11/2022 às 12:30.
- PEREIRA, Franz Kreuther. **Painel de lendas e mitos da Amazônia**. Belém: Virtual Bookstore, 2001.
- SOUZA, Patrícia Inês Garcia de. **Mayandeua: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense**. 1999. 248 f. Dissertação (mestrado em Teoria Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.